

**Jovem de favela
trabalha mais e
ganha menos**

PÁGINA 34

Jovens de menor renda são os que mais se lançam no mercado

Segundo IBGE, 29% da juventude com ganho familiar de até R\$ 207,50 por pessoa trabalha ou une emprego e estudo

■ DANIELLE ABREU
dabreu@extra.inf.br

■ O percentual de jovens de baixíssimo poder aquisitivo que estão no mercado de trabalho da Região Metropolitana do Rio é maior do que as médias nacional e regional de trabalhadores de 15 a 24 anos.

De acordo com dados do IBGE estudados pelo projeto CiproJovem, do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (Ciespi), 29,3% dos jovens com ganho familiar de até R\$ 207,50 por pessoa trabalham ou conciliam estudo e emprego. Mas, segundo o instituto, as médias

de jovens ocupados no país e no Rio são de 20,43% e 15,5%, respectivamente.

— Saber onde estão e como trabalham os jovens brasileiros e, em especial, os do Rio é o nosso objetivo. Queremos identificar e analisar quais as estratégias em curso que visam a conectar jovens

de baixa renda a atividades de geração de trabalho e renda — disse Felícia Picanço, coordenadora do CiproJovem.

Nas favelas

Um dos níveis da pesquisa do projeto do Ciespi — que será concluído em agosto — é o estudo dos jovens de cinco comunidades com baixo poder de compra no Rio: Complexo do Alemão, Vila Aliança, Caju, Rocinha e Queimados. Nesses locais, onde foram feitas entrevistas individuais e formados grupos de debate, os comerciantes também foram ouvidos. Os pesquisadores descobriram que, enquanto em algumas favelas há muitos jovens empregados

no comércio local, em outras esse registro é nulo.

— Em Queimados, 70% dos empreendimentos contratam jovens da comunidade. Já no Caju, não houve nenhum registro. No Alemão, a absorção também é pequena: 30% — disse Alexandre Bárbara, coordenador do estudo.

Morador da Vila Aliança, Leonardo Moura da Silva Pereira, de 19 anos, já trabalhou dentro e fora da favela. Hoje se orgulha do salário, o primeiro registrado em carteira.

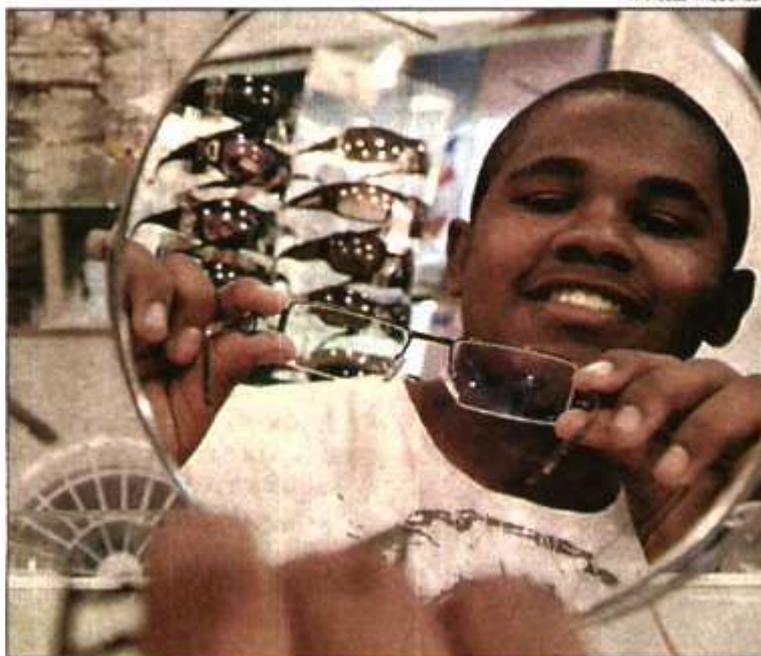
— Graças a Deus nunca sofri preconceito. Mas já vi muita gente sendo julgada por morar na favela — disse.

FABIO IACOB



SIMONE ALVES é uma das pesquisadoras do CiproJovem

MARCELO THEOBALD



LEONARDO MOURA: orgulho do primeiro registro em carteira

Moradores viraram pesquisadores

■ A estudante Simone Alves dos Santos Rodrigues, de 19 anos, moradora da Rocinha, é uma das pesquisadoras do projeto. Segundo ela, o fato de a abordagem dentro da comunidade ter sido feita por uma jovem moradora ajudou muito na coleta dos dados.

— O trabalho durou um ano. Foi muito interessante. Alguns jovens se confundiam, achando que era um cadastro para emprego — contou Simone.

Com os resultados da pesquisa, que sairão em agosto, o Ciespi quer criar uma agenda de prioridades que dê conta das lacunas existentes hoje entre os programas de promoção do jovem e a efetiva inserção dele no mercado de trabalho.

Mão-de-obra da favela vale R\$ 1,99 a hora

■ BERNARDO MOURA

bernardo.moura@extra.inf.br

■ Apenas R\$ 1,99. Esse é o valor da hora de trabalho dos moradores de favelas do Rio. Apesar da proximidade geográfica, quem vive no asfalto leva vantagem: ganha R\$ 11,80 por hora trabalhada. A desigualdade salarial entre os dois lados da cidade partida (R\$ 9,81) é um dos pontos abordados em recente pesquisa do economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O estudo, intitulado "Trabalho e condições de vida nas favelas cariocas", desfaz ainda o mito de que os moradores de áreas carentes trabalham menos. O levantamento, realizado em cinco favelas, mostra que a jornada diária por lá é cinco vezes maior do que na chamada cidade formal. Para o pesquisador, os fatores podem ser explicados pela falta

Na favela, escolaridade corresponde a uma média de 6,2 anos

de qualificação dos moradores de áreas carentes:

— Eles trabalham mais e ganham menos. Quem mora em comunidades pobres tem menor instrução, o que pode explicar essa discrepância entre os salários.

A escolaridade é realmente decisiva. A pesquisa aponta que, na favela, o tempo de escolaridade corresponde a uma média de 6,2 anos. Já nos bairros de classe média, sobe para 11,9 anos.

Neri ressalta que, apesar da desigualdade, os programas sociais do governo federal estão mudando o cenário:

— Antes, nas favelas, as pessoas viviam em desvantagem. Com o advento e massificação das políticas de transferência de renda, houve redução dessa diferença.